

Aula 1 – O Legado de Vargas e a Instabilidade Política Pós-1954

Você já se perguntou por que a política brasileira parece, por vezes, repetir certos padrões de crise e polarização? A resposta para essa pergunta complexa muitas vezes reside em nosso passado, e poucas figuras históricas moldaram tanto o Brasil quanto Getúlio Vargas. Sua influência não terminou com seu governo, mas ecoou por décadas, especialmente após seu dramático segundo mandato. Entender esse período é como decifrar um código que nos ajuda a compreender as raízes de muitos dos desafios que enfrentamos hoje.

Esta aula não é apenas sobre datas e nomes; é sobre desvendar as forças que agiam nos bastidores, as paixões que moviam as massas e as decisões que alteraram o curso de nossa nação. Ao final desta jornada, você será capaz de analisar criticamente o segundo governo Vargas, compreender as causas e consequências de sua crise final, e identificar os elementos que pavimentaram o caminho para a instabilidade da Quarta República. Mais do que memorizar, você desenvolverá uma visão aprofundada sobre a complexidade da política brasileira.

Para estudantes universitários, este conhecimento é fundamental para a formação de um pensamento crítico e para a compreensão das estruturas sociais e políticas do Brasil. Para aqueles que se preparam para concursos públicos, dominar este conteúdo é um diferencial, pois ele frequentemente aparece em provas, exigindo não só o conhecimento dos fatos, mas também a capacidade de interpretá-los sob diferentes perspectivas. Prepare-se para conectar o passado ao presente e aprimorar sua capacidade de análise.

Nesta aula, vamos mergulhar nos últimos anos de Getúlio Vargas, entender o impacto de seu suicídio, navegar pelo conturbado governo de Café Filho e, finalmente, mapear o cenário de polarização ideológica que marcou o início da Quarta República. Prepare-se para uma viagem no tempo que revelará as sementes da instabilidade que ainda hoje ressoam em nossa história.

O Retorno de Vargas: Entre a Promessa e a Contradição (1951-1954)

Imagine um grande líder que, após um período afastado, retorna ao poder aclamado pelo povo, prometendo resolver os problemas do país. Essa foi a cena em 1950, quando Getúlio Vargas, o "Pai dos Pobres" e ex-ditador do Estado Novo, foi eleito democraticamente para a presidência. Sua volta, contudo, não foi um mar de rosas. Ele assumiu o cargo em 1951 com um país em efervescência, dividido entre as expectativas de seus apoiadores e a desconfiança de seus opositores, que viam em seu retorno uma ameaça à jovem democracia.

O segundo governo Vargas foi um período de intensas contradições. De um lado, ele buscava consolidar um projeto nacionalista e desenvolvimentista, visando a autonomia econômica do Brasil. A criação da Petrobras em 1953 é o exemplo mais emblemático dessa visão, simbolizando a defesa dos recursos naturais e a soberania nacional. Vargas queria que o Brasil fosse dono de seu próprio destino, especialmente no setor de energia, que era vital para o desenvolvimento industrial.

No entanto, essa postura nacionalista entrava em choque direto com os interesses de setores conservadores internos e do capital estrangeiro, que viam na intervenção estatal um obstáculo aos seus negócios. Vargas se viu como um malabarista experiente, tentando equilibrar diversas bolas no ar: as demandas dos trabalhadores, as pressões dos empresários, as exigências dos militares e a influência crescente dos Estados Unidos no contexto da Guerra Fria. Cada movimento era calculado, mas o terreno sob seus pés era cada vez mais instável. A inflação disparava, o custo de vida aumentava, e a insatisfação popular começava a se manifestar.

A complexidade desse cenário é crucial para entender o que viria a seguir. Vargas, que antes governava com mão de ferro, agora precisava negociar e ceder, mas sua base de apoio se fragmentava enquanto a oposição ganhava força, explorando cada falha e cada contradição de seu governo.



Criação da Petrobras

Em 1953, Vargas criou a Petrobras, símbolo máximo de seu projeto nacionalista, garantindo o monopólio estatal sobre a exploração de petróleo no Brasil.



Contradições Políticas

Vargas precisava equilibrar interesses divergentes: trabalhadores, empresários, militares e pressões internacionais, especialmente dos EUA.



Crise Econômica

A inflação crescente e o aumento do custo de vida geravam insatisfação popular, enfraquecendo o apoio ao governo e fortalecendo a oposição.

A Tensão Cresce: O Cerco a Getúlio

À medida que o segundo governo Vargas avançava, a atmosfera política no Brasil tornava-se cada vez mais carregada, como um céu de verão prestes a desabar em uma tempestade. A oposição, liderada principalmente pela União Democrática Nacional (UDN), intensificava seus ataques, utilizando a imprensa como um poderoso megafone para denunciar o que consideravam desmandos e corrupção. Carlos Lacerda, um jornalista e político carismático, era a voz mais estridente dessa campanha, transformando cada edição de seu jornal em um novo golpe contra o presidente.

A crise econômica, com a inflação corroendo o poder de compra da população e a dívida externa crescendo, fornecia o combustível para essa oposição. Não era apenas uma questão política; era uma questão que afetava o dia a dia das famílias, gerando um descontentamento generalizado. Vargas, que havia prometido trazer estabilidade e progresso, via sua popularidade declinar e sua capacidade de governar ser questionada a cada dia.

A situação se assemelhava a um navio em meio a uma tempestade violenta, com motins a bordo. A tripulação (o governo) estava dividida, e os passageiros (a população) clamavam por segurança, enquanto a oposição (os amotinados) tentava tomar o controle do leme. O ápice dessa tensão foi o **Atentado da Rua Tonelero**, em agosto de 1954. Um grupo de pistoleiros, supostamente a mando de Gregório Fortunato, chefe da guarda pessoal de Vargas, tentou assassinar Carlos Lacerda. Lacerda foi ferido, mas o major Rubens Vaz, da Força Aérea Brasileira (FAB), que o acompanhava, foi morto.

Este evento foi o estopim. A morte de um militar em um atentado que envolvia o círculo íntimo do presidente foi a gota d'água para as Forças Armadas, que já estavam divididas e insatisfeitas com o governo. A pressão pela renúncia de Vargas tornou-se insustentável, e o cerco se fechava de forma implacável.

A Oposição se Intensifica

- A UDN liderava os ataques ao governo Vargas
- Carlos Lacerda usava seu jornal como arma política
- A crise econômica alimentava o descontentamento popular
- As Forças Armadas começavam a se dividir sobre o apoio ao presidente

O Atentado da Rua Tonelero

- Ocorreu em agosto de 1954
- Pistoleiros tentaram assassinar Carlos Lacerda
- O major Rubens Vaz foi morto durante o atentado
- Gregório Fortunato, chefe da guarda pessoal de Vargas, foi acusado de ordenar o ataque
- O evento foi o estopim para a crise final do governo

O Grito Final: O Suicídio de Vargas e Suas Consequências

A pressão sobre Getúlio Vargas atingiu um ponto insuportável. Com o Exército e a Força Aérea exigindo sua renúncia, e a Marinha também se manifestando, Vargas se viu encurralado em seu palácio, o Catete. Não havia mais para onde correr. A crise política, que vinha se arrastando por meses, culminou em um ultimato militar que o deixava sem opções: renunciar ou ser deposto. Em meio a essa encruzilhada, Vargas tomou uma decisão que chocaria o Brasil e o mundo: o suicídio.

Na madrugada de 24 de agosto de 1954, Getúlio Vargas tirou a própria vida, deixando uma carta-testamento que se tornaria um dos documentos mais emblemáticos da história brasileira. Nela, ele se apresentava como um mártir, sacrificando-se para defender os interesses do povo e a soberania nacional contra as forças "entreguistas" e "reacionárias". A carta era um último ato político, uma bomba que explodiu, mas cujos estilhaços continuariam a afetar o cenário político por anos, redefinindo a luta entre nacionalistas e liberais.

O impacto do suicídio foi imediato e avassalador. O país parou. Milhões de brasileiros, especialmente os trabalhadores e as camadas mais populares, que viam em Vargas o defensor de seus direitos, foram às ruas em um misto de luto, revolta e comoção. As manifestações foram intensas, com confrontos e depredações, especialmente contra os jornais e prédios ligados à oposição. A figura de Vargas, que estava em declínio, ressurgiu como um mito, um herói que se sacrificou pela nação.

A morte de Vargas, longe de pacificar o país, aprofundou as divisões. Seus apoiadores se sentiram traídos e indignados, enquanto seus opositores, embora aliviados pela saída do presidente, tiveram que lidar com a forte reação popular e a mitificação de seu adversário. O vácuo de poder deixado por Vargas abriu uma nova fase de incertezas, onde a instabilidade política se tornaria a regra, não a exceção.

"Saio da vida para entrar na história."

- Trecho da carta-testamento de Getúlio Vargas

Madrugada de 24 de agosto de 1954

Getúlio Vargas comete suicídio no Palácio do Catete, deixando uma carta-testamento que se tornaria um documento histórico.

1

Reação popular

Milhões vão às ruas em manifestações de luto e revolta. Jornais e prédios da oposição são atacados.

3

2

Divulgação da notícia

O país é tomado por comoção. Rádios interrompem programação para anunciar a morte do presidente.

4

Consequências políticas

A figura de Vargas é mitificada. O vice-presidente Café Filho assume em meio a uma profunda divisão nacional.

O Vácuo de Poder: O Governo Café Filho (1954-1955)

Com a trágica morte de Getúlio Vargas, o vice-presidente João Café Filho assumiu a presidência da República. Sua ascensão ao poder, no entanto, ocorreu em um cenário de profunda comoção e instabilidade, como se um time de futebol perdesse seu capitão no meio de uma partida decisiva, com os jogadores desorientados e a torcida em polvorosa. Café Filho, um político de origem udenista e com saúde frágil, herdou um país em luto e com as paixões políticas à flor da pele, tornando sua tarefa de governar um desafio hercúleo.

Seu governo foi marcado por uma tentativa de "desvarguisar" o Brasil, ou seja, de afastar a influência do legado getulista e promover uma maior abertura econômica. No entanto, essa agenda encontrou forte resistência dos setores nacionalistas e trabalhistas, que ainda estavam sob o impacto do suicídio de Vargas e viam qualquer mudança como uma traição à sua memória. A fragilidade política de Café Filho era evidente, e ele se viu constantemente pressionado por diferentes grupos, especialmente os militares, que se tornavam cada vez mais protagonistas no cenário político.

A instabilidade era tamanha que o governo de Café Filho foi pontuado por diversas tentativas de golpe e contragolpe. O ambiente era de conspiração e desconfiança mútua entre as diversas facções políticas e militares. Um exemplo notório dessa efervescência foi o chamado "Memorando dos Coronéis", um documento que circulou entre oficiais militares, expressando preocupações com a ordem e a segurança nacional e defendendo uma intervenção para "moralizar" o país. Embora não fosse um plano de golpe direto, ele revelava o clima de insatisfação e a crescente tentação de setores militares de intervir na política.

A saúde debilitada de Café Filho o afastou da presidência em novembro de 1955, abrindo caminho para uma sucessão de presidentes interinos – Carlos Luz e Nereu Ramos – em um período de apenas alguns dias. Essa transição conturbada, às vésperas de uma nova eleição presidencial, apenas acentuou a sensação de que a democracia brasileira estava por um fio, à mercê das disputas de poder e das intervenções militares.

Características do Governo Café Filho

- Tentativa de "desvarguização" do Brasil
- Maior abertura econômica
- Fragilidade política e saúde debilitada do presidente
- Pressão constante dos militares
- Clima de conspiração e desconfiança

O "Memorando dos Coronéis"

Documento que circulou entre oficiais militares expressando preocupações com a ordem e a segurança nacional, revelando o clima de insatisfação e a crescente tentação de intervenção militar na política.

Sucessão Presidencial Conturbada

Café Filho afastou-se por problemas de saúde em novembro de 1955, levando a uma rápida sucessão de presidentes interinos (Carlos Luz e Nereu Ramos) em poucos dias, aumentando a instabilidade política.

A Quarta República: Um Cenário de Tempestade Perfeita

O período que se seguiu ao suicídio de Vargas e ao breve governo de Café Filho é conhecido como a Quarta República (1946-1964), e ele se desenrolou como um cenário de tempestade perfeita para a democracia brasileira. Após a saída de Vargas, o país se viu diante de um tabuleiro de xadrez onde cada peça – militares, partidos políticos, sindicatos, empresários – tinha sua própria agenda e buscava consolidar sua influência, muitas vezes em detrimento da estabilidade institucional. A polarização ideológica, já latente, explodiu, e o Brasil se tornou um campo de batalha entre diferentes visões de futuro.

De um lado, os nacionalistas e trabalhistas, herdeiros do varguismo, defendiam a intervenção estatal na economia, a proteção da indústria nacional e os direitos sociais. Do outro, os liberais e conservadores, representados principalmente pela UDN, pregavam a abertura econômica, a redução do papel do Estado e uma maior aliança com os Estados Unidos. Essa dicotomia não era apenas teórica; ela se manifestava em cada debate parlamentar, em cada greve, em cada manchete de jornal, criando um ambiente de constante tensão.

O contexto da **Guerra Fria** intensificava ainda mais essa polarização. O mundo estava dividido entre os blocos capitalista (liderado pelos EUA) e socialista (liderado pela URSS), e o Brasil, como um país em desenvolvimento e de grande importância estratégica, era visto como um potencial aliado por ambos os lados. A retórica anticomunista, impulsionada pelos Estados Unidos, ganhava força entre os setores conservadores e militares brasileiros, que viam na esquerda e nos movimentos sociais uma ameaça à ordem e à segurança nacional.

Essa combinação de fatores – o legado de Vargas, a fragilidade das instituições, a polarização interna e a influência da Guerra Fria – criou um ambiente propício para a instabilidade. As bases para crises futuras estavam sendo lançadas, e a democracia, ainda jovem no Brasil, seria constantemente testada por golpes e contragolpes, culminando em eventos que mudariam drasticamente o rumo do país.



Polarização Ideológica

Nacionalistas e trabalhistas vs. liberais e conservadores, criando um ambiente de constante tensão política.



Fragilidade Institucional

Democracia jovem com instituições ainda em consolidação, vulnerável a pressões de diferentes grupos.



Influência da Guerra Fria

Divisão mundial entre capitalismo e socialismo intensificando as tensões internas e a retórica anticomunista.



Intervencionismo Militar

Crescente protagonismo dos militares na política, com tendência a se verem como "guardiões da ordem".

O Legado Controverso de Vargas: Uma Análise Historiográfica

A figura de Getúlio Vargas é, sem dúvida, uma das mais complexas e debatidas da história brasileira. Ele é como um diamante multifacetado, que brilha de formas diferentes dependendo da luz sob a qual é observado. Para alguns, ele foi o modernizador, o pai dos trabalhadores, o líder que tirou o Brasil da ruralidade e o impulsionou para a industrialização. Para outros, foi um ditador autoritário, que suprimiu liberdades e perseguiu opositores. A historiografia recente, no entanto, tem se esforçado para ir além dessas visões simplistas, buscando uma compreensão mais matizada de seu legado.

Novas interpretações, surgidas a partir de pesquisas acadêmicas nas últimas décadas, têm explorado as nuances do varguismo. Elas reconhecem a ambivalência de suas políticas: ao mesmo tempo em que criava leis trabalhistas e investia em infraestrutura, Vargas centralizava o poder e utilizava a propaganda para construir sua imagem. Essas análises mais recentes evitam o maniqueísmo de "herói ou vilão" e se aprofundam nas motivações, nos contextos e nas consequências de suas ações, considerando a complexidade de um período de grandes transformações sociais e econômicas.

Por exemplo, o populismo varguista é hoje analisado não apenas como manipulação das massas, mas também como uma forma de inclusão política de setores antes marginalizados, ainda que sob controle estatal. O nacionalismo, por sua vez, é visto como uma estratégia para consolidar o Estado e a economia, mas também como um fator de tensão com potências estrangeiras. Essas discussões são vitais para quem busca uma compreensão aprofundada da história, especialmente para concursos que exigem capacidade de análise crítica.

A compreensão dessas diferentes lentes historiográficas é fundamental para entender como o legado de Vargas continuou a influenciar a política brasileira muito depois de sua morte, moldando debates sobre o papel do Estado, a relação capital-trabalho e a soberania nacional.

Conceito Historiográfico	Âmbito/Aplicação	Base/Origem	Exemplo
Visão Tradicional	Análise inicial do período	Narrativas contemporâneas e primeiras análises	Vargas como "Pai dos Pobres" ou "Ditador"
Visão Revisionista	Análise crítica e aprofundada	Novas pesquisas, acesso a fontes primárias	Vargas como figura complexa, ambivalente, produto de seu tempo
Populismo Varguista	Relação líder-massa	Sociologia política, história social	Criação do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) e leis trabalhistas
Nacionalismo Econômico	Política econômica	Economia política, história econômica	Criação da Petrobras e CSN (Companhia Siderúrgica Nacional)

A Guerra Fria e o Brasil: Ideologias em Conflito

Enquanto o Brasil fervilhava em suas próprias crises internas, o cenário global era dominado pela **Guerra Fria**, um conflito ideológico e geopolítico entre os Estados Unidos (capitalismo) e a União Soviética (socialismo). Essa disputa, embora não envolvesse confrontos militares diretos entre as superpotências, reverberava em cada canto do planeta, e o Brasil, como um país em desenvolvimento e com grande potencial, não estava imune a essa influência. Era como se o Brasil fosse um barco em um mar agitado por duas correntes poderosas, cada uma tentando puxá-lo para seu lado.

A polarização ideológica interna, já existente, foi intensificada pela lógica da Guerra Fria. Setores conservadores e militares brasileiros, alinhados com os Estados Unidos, passaram a ver qualquer movimento de esquerda, qualquer reivindicação social ou qualquer política nacionalista como uma ameaça comunista. Essa retórica anticomunista se tornou uma ferramenta poderosa para deslegitimar opositores e justificar intervenções políticas. A Doutrina de Segurança Nacional, que seria formalizada mais tarde, já começava a moldar o pensamento militar, colocando a luta contra o "inimigo interno" (o comunismo) como prioridade máxima.

O governo brasileiro, mesmo após Vargas, tentava equilibrar-se entre a necessidade de investimentos estrangeiros (principalmente dos EUA) e a pressão interna por uma política externa mais autônoma. A perseguição a comunistas e a sindicalistas, por exemplo, era uma manifestação clara dessa influência externa, que se somava às tensões internas. O Partido Comunista Brasileiro (PCB), embora ilegal, mantinha uma influência considerável em sindicatos e movimentos sociais, o que alimentava o temor de uma "ameaça vermelha" entre as elites.

Essa dinâmica da Guerra Fria é crucial para entender a instabilidade da Quarta República. Ela forneceu um pano de fundo ideológico para as disputas internas, transformando divergências políticas em batalhas existenciais entre "democracia" e "comunismo". Essa simplificação, muitas vezes, obscurecia as reais causas dos problemas sociais e econômicos do país, desviando o foco para uma luta ideológica que justificaria, mais tarde, rupturas democráticas.

Impacto da Guerra Fria no Brasil

- Intensificação da polarização ideológica interna
- Fortalecimento da retórica anticomunista
- Perseguição a movimentos de esquerda e sindicalistas
- Desenvolvimento da Doutrina de Segurança Nacional
- Pressão dos EUA por alinhamento político e econômico



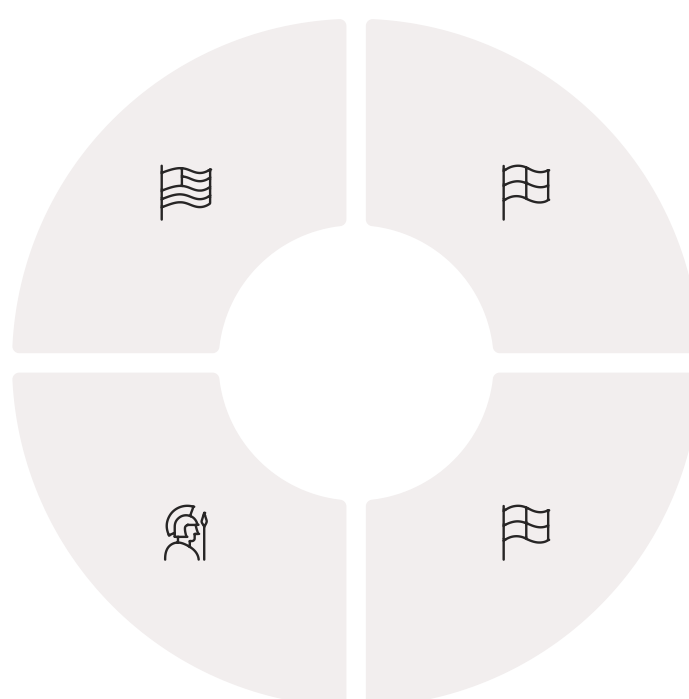
A Guerra Fria dividiu o mundo em dois blocos ideológicos, e o Brasil, como país estratégico na América Latina, era disputado por ambas as potências. Essa divisão global se refletia internamente, transformando questões políticas em batalhas ideológicas.

Bloco Capitalista

Liderado pelos EUA, defendia o livre mercado, a propriedade privada e a democracia liberal.

Militares Brasileiros

Majoritariamente alinhados aos EUA, viam o comunismo como ameaça à segurança nacional.



Bloco Socialista

Liderado pela URSS, defendia a economia planificada, a propriedade coletiva e o partido único.

Brasil na Guerra Fria

País estratégico na América Latina, disputado por ambas as potências e internamente dividido entre essas influências.

Os Atores da Crise: Militares, Partidos e Imprensa

A instabilidade da Quarta República não pode ser compreendida sem analisarmos o papel dos principais atores que, juntos, formavam uma orquestra desafinada, onde cada músico tocava sua própria melodia, muitas vezes em dissonância com os demais. Militares, partidos políticos e a imprensa exerciam uma influência desproporcional, e suas interações, muitas vezes conflituosas, eram o motor das crises que se sucediam.

Os **militares** emergiram como um poder moderador, ou melhor, um poder interventor. Divididos internamente entre legalistas (que defendiam a Constituição) e golpistas (que viam na intervenção a solução para a crise), eles se tornaram um árbitro constante da política. Sua presença era sentida em cada crise, com notas e manifestos que pressionavam os presidentes e o Congresso. A hierarquia militar, que deveria ser coesa, estava fragmentada, e isso aumentava a sensação de imprevisibilidade.

Os **partidos políticos**, por sua vez, eram marcados por uma intensa polarização. A UDN (União Democrática Nacional), de caráter liberal-conservador, era a principal força de oposição a Vargas e seus herdeiros, defendendo a moralização da política e a abertura econômica. O PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), herdeiro do varguismo, representava os trabalhadores e defendia o nacionalismo e as reformas sociais. O PSD (Partido Social Democrático), mais centrista, buscava o equilíbrio, mas muitas vezes era arrastado pelas disputas entre os outros dois. Essa fragmentação e a incapacidade de construir consensos eram um entrave para a governabilidade.

A **imprensa**, especialmente os grandes jornais da época, não era apenas um veículo de notícias, mas um ator político ativo. Jornais como a *Tribuna da Imprensa*, de Carlos Lacerda, ou o *Última Hora*, de Samuel Wainer (pró-Vargas), eram verdadeiros campos de batalha ideológicos. Eles não apenas informavam, mas formavam opiniões, incitavam paixões e, muitas vezes, atuavam como porta-vozes de facções políticas, contribuindo para a radicalização do debate público.

Essa complexa teia de relações, onde cada ator buscava seus próprios interesses e exercia sua influência, fragilizava as instituições democráticas e tornava o Brasil um barril de pólvora, pronto para explodir a qualquer momento.

Militares

- Divididos entre legalistas e golpistas
- Atuavam como "poder moderador"
- Emitiam notas e manifestos pressionando o governo
- Hierarquia fragmentada
- Crescente intervenção na política

Partidos Políticos

- UDN: liberal-conservadora, anti-Vargas
- PTB: trabalhista, herdeiro do varguismo
- PSD: centrista, buscava equilíbrio
- Intensa polarização ideológica
- Dificuldade em construir consensos

Imprensa

- Ator político ativo, não apenas informativo
- *Tribuna da Imprensa*: anti-Vargas
- *Última Hora*: pró-Vargas
- Formadora de opinião e incitadora de paixões
- Contribuía para a radicalização do debate

As Eleições de 1955: A Tentativa de Normalização

Após a turbulência do suicídio de Vargas e a breve e conturbada passagem de Café Filho pela presidência, o Brasil se preparava para as eleições de 1955. Havia uma esperança generalizada de que o pleito pudesse trazer alguma normalização à vida política do país, funcionando como uma corrida de revezamento onde o bastão da democracia, que quase caíra, pudesse ser passado de forma segura. No entanto, o clima de polarização e desconfiança persistia, e a eleição se tornou mais um capítulo na saga da instabilidade.

O principal candidato era Juscelino Kubitschek (JK), do PSD, que tinha como vice João Goulart (Jango), do PTB. Essa chapa representava uma aliança entre o centro e a esquerda varguista, prometendo desenvolvimento e continuidade das políticas sociais. Do outro lado, a UDN lançou a candidatura de Juarez Távora, que representava a oposição ao legado de Vargas e defendia uma maior abertura econômica e moralização política. A disputa era acirrada, e as tensões pré-eleitorais eram palpáveis.

A vitória de JK e Jango nas urnas, embora legítima, não foi aceita pacificamente por todos. Setores conservadores da UDN e militares golpistas, que viam na eleição de Jango (o herdeiro político de Vargas) uma ameaça ao país, começaram a articular um golpe para impedir a posse dos eleitos. Eles argumentavam que a eleição havia sido fraudulenta ou que a chapa eleita representava um risco de "comunização" do Brasil, ecoando a retórica da Guerra Fria.

Essa tentativa de impedir a posse dos eleitos, apesar da vontade popular expressa nas urnas, demonstrava a fragilidade da democracia brasileira e a persistência da mentalidade golpista em setores das Forças Armadas e da elite política. A legalidade estava sob ataque, e o país se encontrava novamente à beira de um precipício, com a ameaça de uma ruptura institucional pairando no ar.

1

Contexto Eleitoral

Após o suicídio de Vargas e o governo conturbado de Café Filho, as eleições de 1955 representavam uma esperança de normalização política, mas ocorreram em um clima de intensa polarização.

2

Principais Candidatos

Juscelino Kubitschek (PSD) e João Goulart (PTB) formavam uma chapa que representava a aliança entre centro e esquerda varguista. A UDN lançou Juarez Távora, representando a oposição ao legado de Vargas.

3

Resultado e Reação

A vitória de JK e Jango nas urnas não foi aceita por setores conservadores da UDN e militares golpistas, que começaram a articular um golpe para impedir a posse dos eleitos.

4

Ameaça à Democracia

A tentativa de impedir a posse dos eleitos demonstrava a fragilidade da democracia brasileira e a persistência da mentalidade golpista em setores das Forças Armadas e da elite política.

O "Golpe Preventivo" de Lott: A Defesa da Legalidade

A ameaça de golpe para impedir a posse de Juscelino Kubitschek e João Goulart era real e iminente. O presidente interino, Carlos Luz, que havia assumido após o afastamento de Café Filho por motivos de saúde, parecia inclinado a apoiar os golpistas, criando um cenário de grande incerteza. Foi nesse momento crítico que uma figura inesperada emergiu para defender a legalidade constitucional: o General Henrique Teixeira Lott, Ministro da Guerra. Lott agiu como um bombeiro apagando um incêndio antes que ele se espalhasse, garantindo que a chama da democracia não se apagasse.

Em 11 de novembro de 1955, o General Lott liderou o que ficou conhecido como o "Golpe Preventivo" ou "Contragolpe de 11 de Novembro". Sua ação não visava derrubar a democracia, mas sim preservá-la. Lott, um militar legalista, mobilizou tropas para garantir a posse dos eleitos, afastando Carlos Luz da presidência e garantindo que o próximo na linha sucessória, Nereu Ramos (presidente do Senado), assumisse interinamente até a posse de JK. Essa manobra foi crucial para desarticular os planos golpistas e assegurar a transição democrática.

A ação de Lott foi um divisor de águas. Ela demonstrou que, mesmo em um ambiente de profunda instabilidade e com fortes pressões para a ruptura, ainda existiam setores das Forças Armadas comprometidos com a Constituição e a ordem democrática. No entanto, o episódio também revelou a fragilidade das instituições civis e a constante ameaça da intervenção militar na política brasileira. A democracia estava de pé, mas com o auxílio de uma intervenção militar, o que era um paradoxo.

A posse de Juscelino Kubitschek em janeiro de 1956, finalmente, trouxe um alívio temporário à tensão política. O governo JK, com seu lema "50 anos em 5", tentaria desviar o foco das disputas ideológicas para o desenvolvimento econômico, mas as sementes da instabilidade já haviam sido plantadas e continuariam a germinar nas décadas seguintes, culminando em eventos ainda mais dramáticos.

O Paradoxo do "Golpe Preventivo"

O episódio liderado pelo General Lott apresenta um paradoxo interessante: uma intervenção militar para garantir a ordem democrática. Isso revela tanto a fragilidade das instituições civis quanto a complexidade do papel dos militares na política brasileira da época.

Por um lado, a ação de Lott preservou o resultado das urnas e impediu uma ruptura institucional. Por outro, reforçou a ideia de que os militares eram os árbitros finais da política, podendo intervir quando julgassem necessário - mesmo que fosse para "salvar" a democracia.

Esse precedente seria lembrado em crises futuras, mas nem sempre com o mesmo desfecho legalista.



Cronologia do "Golpe Preventivo"

- **8 de novembro de 1955:** Café Filho afasta-se da presidência por problemas de saúde
- **9 de novembro:** Carlos Luz assume interinamente
- **10 de novembro:** Lott percebe movimentações golpistas
- **11 de novembro:** Lott mobiliza tropas e afasta Carlos Luz
- **11 de novembro:** Nereu Ramos assume a presidência
- **31 de janeiro de 1956:** Posse de JK e Jango

As Bases da Instabilidade: Economia e Sociedade

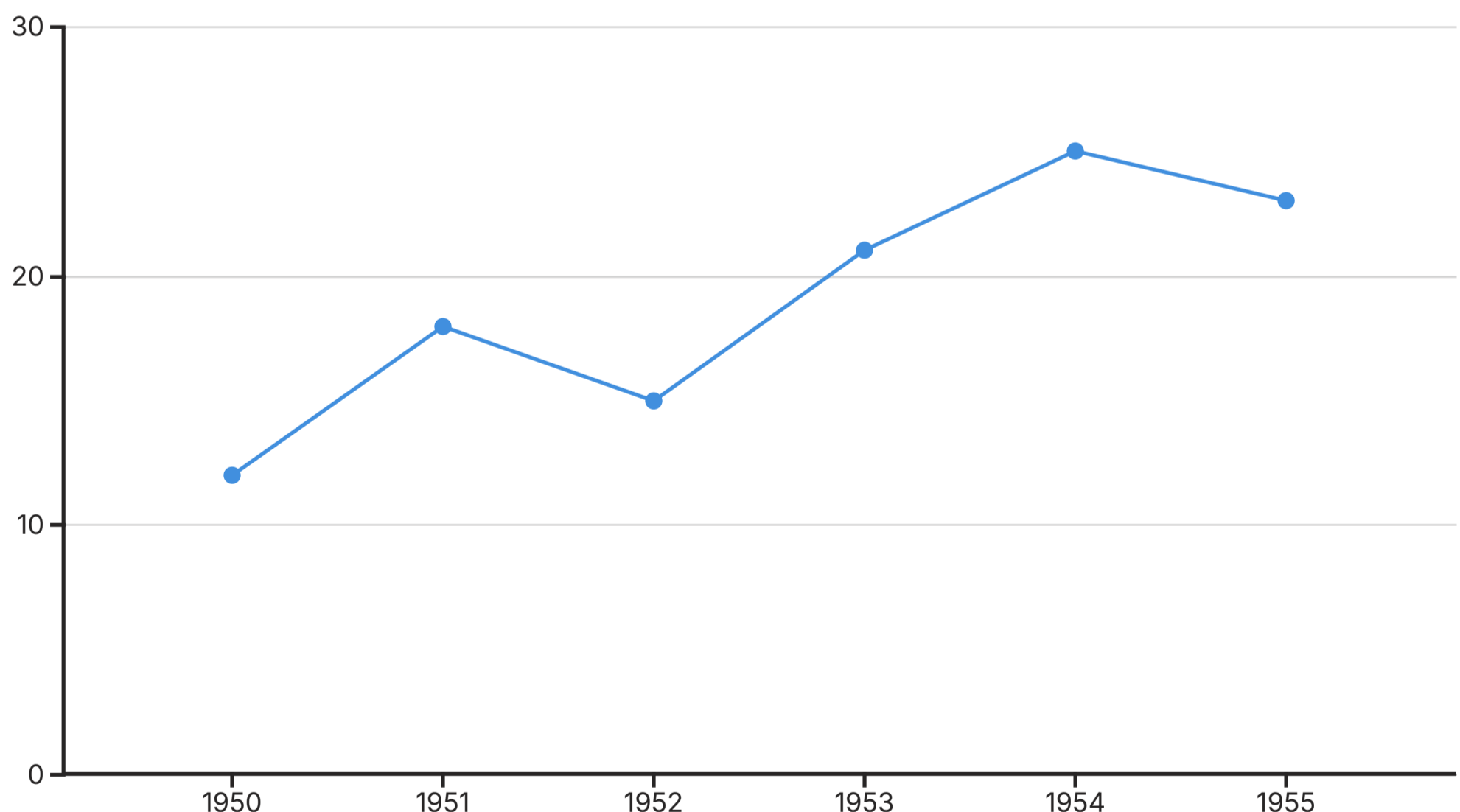
A instabilidade política da Quarta República não era apenas um jogo de poder entre elites; ela tinha raízes profundas nas condições econômicas e sociais do Brasil. Era como um castelo construído sobre areia movediça: por mais que se tentasse reforçar a estrutura política, as bases econômicas e sociais continuavam a ceder, alimentando o descontentamento e a polarização. A inflação galopante, a crescente dívida externa e a persistente desigualdade social eram os pilares dessa instabilidade.

A **inflação** era um problema crônico que corroía o poder de compra da população, especialmente das camadas mais pobres. O aumento constante dos preços dos alimentos e bens essenciais gerava insatisfação e alimentava greves e protestos. Os governos tentavam controlar a inflação com medidas econômicas, mas muitas vezes sem sucesso duradouro, o que levava a uma sensação de descontrole e frustração popular.

Além disso, o Brasil dependia cada vez mais de empréstimos estrangeiros, o que aumentava a **dívida externa** e a pressão de organismos internacionais e países credores. Essa dependência gerava debates acalorados entre nacionalistas, que defendiam a autonomia econômica, e liberais, que viam na abertura ao capital estrangeiro a solução para o desenvolvimento. Essa disputa ideológica em torno da economia se refletia diretamente na política, com acusações de "entreguismo" de um lado e de "populismo irresponsável" do outro.

A **desigualdade social** também era um fator crucial. Apesar do crescimento industrial e da urbanização, a distribuição de renda permanecia extremamente concentrada. As condições de vida nas cidades, com a migração do campo, geravam favelas e problemas de infraestrutura, enquanto no campo a questão agrária continuava sem solução, com a concentração de terras e a miséria dos trabalhadores rurais. Essas tensões sociais eram um terreno fértil para a mobilização política e para o surgimento de movimentos que reivindicavam reformas estruturais.

Esses problemas econômicos e sociais não eram meros pano de fundo; eles eram a força motriz por trás de muitas das crises políticas. A incapacidade dos governos de resolver essas questões de forma eficaz alimentava a descrença nas instituições democráticas e abria espaço para soluções autoritárias, que prometiam "ordem" e "progresso" a qualquer custo.



O gráfico acima mostra o crescimento da inflação durante o período, um dos principais fatores de instabilidade econômica que afetava diretamente a vida da população e gerava descontentamento social.



Inflação Galopante

Corroía o poder de compra da população, especialmente das camadas mais pobres, gerando insatisfação e protestos.



Dívida Externa Crescente

Aumentava a dependência de organismos internacionais e gerava debates entre nacionalistas e defensores da abertura econômica.



Desigualdade Social

Apesar do crescimento industrial, a distribuição de renda permanecia extremamente concentrada, criando tensões sociais.

O Legado de Vargas na Cultura e na Memória

A influência de Getúlio Vargas transcendeu a política e a economia, permeando profundamente a cultura e a memória coletiva do Brasil. Ele é como um rio que continua a moldar a paisagem muito depois de sua nascente, com suas águas fluindo por diferentes canais da sociedade. A forma como Vargas é lembrado e reinterpretado na cultura popular, na arte e na academia revela muito sobre as tensões e identidades do próprio país.

Na cultura popular, Vargas é uma figura ambivalente, ora retratado como o "Pai dos Pobres" que trouxe direitos e modernidade, ora como o "Ditador" que cerceou liberdades. Essa dualidade se manifesta em músicas, peças de teatro e, mais recentemente, em produções audiovisuais. Filmes como "Getúlio" (2014), por exemplo, tentam explorar os últimos dias do presidente, trazendo à tona a complexidade de sua personalidade e as pressões que enfrentou. Essas representações, embora muitas vezes dramatizadas, ajudam a manter viva a discussão sobre seu legado.

Na academia, o debate sobre Vargas é constante e multifacetado, como vimos anteriormente. Historiadores, sociólogos e cientistas políticos continuam a produzir teses, artigos e livros que revisitam sua era sob novas perspectivas, utilizando fontes primárias e metodologias inovadoras. Essas pesquisas buscam entender não apenas o que Vargas fez, mas por que ele fez, e como suas ações ressoam até hoje. A análise de sua retórica, de suas políticas sociais e de seu projeto de nação continua a ser um campo fértil de estudo.

A memória de Vargas também é disputada no espaço público, com monumentos e nomes de ruas que o homenageiam, enquanto outros questionam essa celebração. Essa disputa reflete as diferentes visões sobre o Brasil e seu passado, e a forma como a sociedade lida com figuras históricas controversas. Compreender essas diferentes camadas de memória e representação é essencial para uma análise completa do impacto de Vargas no Brasil contemporâneo.

Vargas na Cultura Popular

- Representações ambivalentes: "Pai dos Pobres" vs. "Ditador"
- Presença em músicas, literatura e cinema
- Filme "Getúlio" (2014) explorando seus últimos dias
- Personagem recorrente em documentários históricos
- Referência em debates sobre trabalhismo e nacionalismo



Monumentos como este são parte da disputa pela memória de Vargas no espaço público, refletindo as diferentes visões sobre seu legado e a forma como a sociedade brasileira lida com figuras históricas controversas.

"Getúlio Vargas não é apenas um personagem histórico, mas um símbolo que continua a ser disputado por diferentes correntes políticas. Sua figura transcende o tempo e se renova a cada debate sobre o papel do Estado, os direitos trabalhistas e o projeto de nação."

- Angela de Castro Gomes, historiadora

"A carta-testamento de Vargas é um dos documentos mais poderosos da história política brasileira. Ela transformou sua morte em um ato político que continua a ecoar nas disputas ideológicas do país."

- Boris Fausto, historiador

Conectando os Pontos: A Instabilidade Pós-Vargas e o Futuro

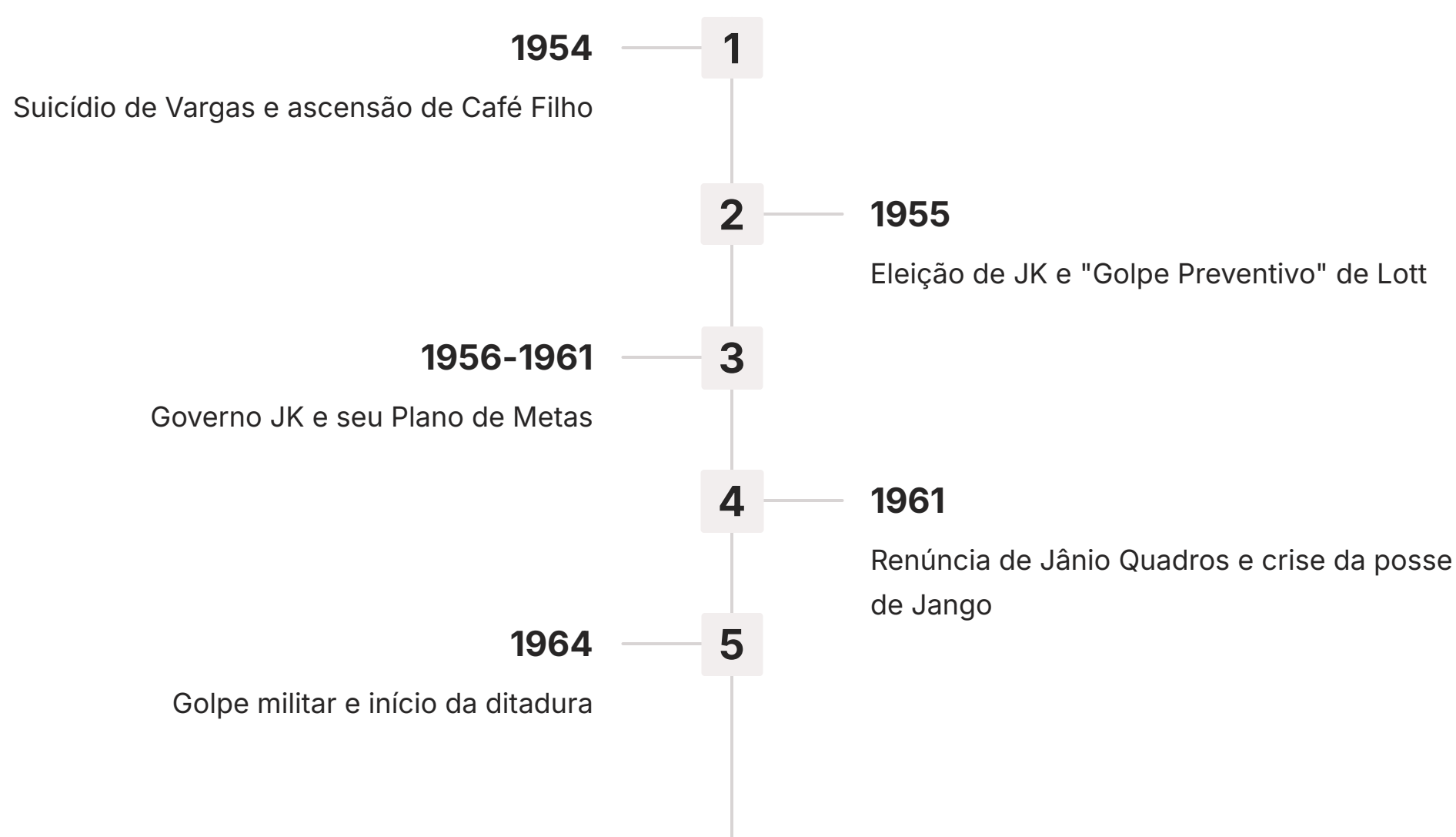
Chegamos a um ponto crucial de nossa jornada: conectar os eventos que se seguiram ao suicídio de Vargas com as crises que viriam a assolar o Brasil nas décadas seguintes. A instabilidade política da Quarta República não foi um fenômeno isolado; ela foi o resultado de raízes profundas que continuaram a influenciar o crescimento da árvore democrática brasileira. Os acontecimentos de 1954-1955 não apenas revelaram a fragilidade das instituições, mas também pavimentaram o caminho para rupturas ainda mais dramáticas.

A polarização ideológica, a crescente intervenção militar na política, a incapacidade de resolver problemas econômicos crônicos e a persistência da desigualdade social – todos esses fatores, intensificados no período pós-Vargas, criaram um ciclo vicioso de crises. A cada novo governo, as tensões se acumulavam, e a tentação de soluções autoritárias crescia entre diferentes setores da sociedade. O "Golpe Preventivo" de Lott, embora tenha garantido a posse de JK, paradoxalmente reforçou a ideia de que os militares eram os guardiões da ordem, abrindo um precedente perigoso.

Essa dinâmica culminaria, menos de uma década depois, no golpe de 1964, que depôs João Goulart e instaurou uma ditadura militar de 21 anos. As sementes plantadas na crise pós-Vargas, com a demonização de adversários políticos, a instrumentalização da retórica anticomunista e a fragilidade dos consensos democráticos, floresceriam em um regime autoritário que silenciaria a oposição e imporá uma nova ordem.

Entender esse período é fundamental para qualquer um que deseje compreender as complexidades da democracia brasileira e seus desafios atuais. A história não se repete exatamente, mas rima. As tensões entre desenvolvimento e estabilidade, entre nacionalismo e abertura, entre o papel do Estado e o do mercado, e a sempre presente sombra da intervenção militar, são legados diretos desse período.

Agora que compreendemos as bases da instabilidade que marcou o pós-Vargas, estamos prontos para explorar como o Brasil tentou, sob a liderança de Juscelino Kubitschek, construir um futuro de progresso em meio a essas tensões.



Consolidação e Próximos Passos

Nesta aula, mergulhamos em um dos períodos mais intensos e decisivos da história brasileira: o segundo governo de Getúlio Vargas e a instabilidade política que se seguiu ao seu suicídio em 1954. Vimos como as contradições de seu governo, as pressões internas e externas, e o dramático desfecho de sua vida moldaram o cenário político. Exploramos o conturbado governo de Café Filho, a polarização ideológica no contexto da Guerra Fria e o papel crucial de militares, partidos e imprensa na fragilização da jovem democracia da Quarta República. Compreendemos que a instabilidade não era um acaso, mas o resultado de profundas questões econômicas, sociais e políticas que se interligavam.

Em prática: Ao analisar notícias e debates políticos atuais, procure identificar padrões de polarização, a influência de diferentes atores (mídia, militares, grupos de interesse) e as raízes históricas de certas discussões. A compreensão do legado de Vargas e da instabilidade pós-1954 oferece ferramentas valiosas para interpretar os desafios contemporâneos da democracia brasileira.

Autoavaliação

1

Questão 1

Qual foi o principal evento que catalisou a crise final do segundo governo Vargas, levando ao seu suicídio?

1. A criação da Petrobras, que gerou forte oposição internacional.
2. O atentado da Rua Tonelero, que resultou na morte do Major Rubens Vaz.
3. A eleição de Juscelino Kubitschek, que desagradou setores militares.
4. A crise econômica de 1929, que afetou a economia brasileira.

2

Questão 2

A historiografia recente sobre Getúlio Vargas tende a:

1. Simplificar sua figura como um herói ou vilão, sem nuances.
2. Focar exclusivamente em seu período ditatorial, ignorando o segundo governo.
3. Apresentar uma análise mais complexa e multifacetada de seu legado e ações.
4. Desconsiderar a influência da Guerra Fria em suas políticas.

3

Questão 3

O "Golpe Preventivo" de 11 de novembro de 1955, liderado pelo General Lott, teve como objetivo principal:

1. Instaurar uma ditadura militar no Brasil.
2. Impedir a posse dos eleitos Juscelino Kubitschek e João Goulart.
3. Garantir a posse dos eleitos e preservar a legalidade constitucional.
4. Apoiar o retorno de Getúlio Vargas ao poder.

4

Questão 4

Qual dos fatores abaixo NÃO foi uma base para a instabilidade da Quarta República no período pós-Vargas?

1. A polarização ideológica interna, intensificada pela Guerra Fria.
2. A crescente intervenção militar na política.
3. A resolução eficaz dos problemas econômicos e sociais.
4. A fragilidade das instituições democráticas.

❓ Questão 5

Em poucas linhas, explique como o suicídio de Getúlio Vargas, apesar de seu impacto imediato, contribuiu para a continuidade da instabilidade política no Brasil.

Gabarito

Questão 1

Resposta correta: b)

O atentado da Rua Tonelero, que resultou na morte do Major Rubens Vaz, foi o evento catalisador que precipitou a crise final do governo Vargas. O assassinato de um militar da Aeronáutica por pistoleiros ligados à guarda pessoal do presidente gerou uma forte reação das Forças Armadas, intensificando a pressão pela renúncia de Vargas.

Questão 2

Resposta correta: c)

A historiografia recente sobre Getúlio Vargas tem buscado superar visões maniqueístas, apresentando análises mais complexas e multifacetadas de seu legado. Essas novas interpretações consideram tanto seus aspectos autoritários quanto suas políticas sociais e econômicas, contextualizando suas ações no período histórico em que viveu.

Questão 3

Resposta correta: c)

O "Golpe Preventivo" liderado pelo General Lott teve como objetivo principal garantir a posse dos eleitos Juscelino Kubitschek e João Goulart, preservando a legalidade constitucional contra uma tentativa de golpe que visava impedir essa posse.

Questão 4

Resposta correta: c)

A resolução eficaz dos problemas econômicos e sociais NÃO foi uma característica do período pós-Vargas. Pelo contrário, a persistência desses problemas (inflação, dívida externa, desigualdade) foi um dos principais fatores de instabilidade da Quarta República.



Questão 5 - Resposta

O suicídio de Vargas, com sua carta-testamento, mitificou sua figura e radicalizou as paixões políticas, aprofundando a divisão entre varguistas/nacionalistas e liberais/conservadores. Isso não pacificou o país, mas intensificou a luta pelo poder e a desconfiança mútua, levando a um ciclo de crises e tentativas de golpe nos anos seguintes.

Pontos-chave para revisão

- O segundo governo Vargas (1951-1954) e suas contradições
- O impacto do Atentado da Rua Tonelero na crise final
- A carta-testamento e suas repercussões políticas
- O governo Café Filho e sua fragilidade
- A polarização ideológica no contexto da Guerra Fria
- O papel dos militares, partidos e imprensa
- As eleições de 1955 e o "Golpe Preventivo" de Lott
- As bases econômicas e sociais da instabilidade

Conceitos fundamentais

- Nacionalismo desenvolvimentista
- Populismo varguista
- Polarização ideológica
- Intervencionismo militar
- Legalismo constitucional
- Guerra Fria e anticomunismo
- Instabilidade institucional
- Legado político e cultural

Próxima Aula

Na Aula 2, embarcaremos em uma nova fase da história brasileira, explorando **O Governo Juscelino Kubitschek: Desenvolvimentismo e Contradições**. Veremos como o Brasil buscou o progresso acelerado, com a construção de Brasília, e quais foram os desafios e as tensões que acompanharam essa era de otimismo.



Construção de Brasília

Exploraremos o ambicioso projeto de transferência da capital para o interior do país, símbolo máximo do desenvolvimentismo de JK.



Industrialização Acelerada

Analisaremos a implementação do Plano de Metas e seus impactos na economia e sociedade brasileiras.



Tensões Políticas

Discutiremos as contradições do modelo desenvolvimentista e as pressões políticas enfrentadas pelo governo JK.

Recursos Adicionais

Livros Recomendados

- **O Brasil de Getúlio (1930-1945) e O Brasil de Getúlio (1945-1954)**, de Boris Fausto – para aprofundar na biografia e contexto.
- **A Era Vargas**, de Sônia Regina de Mendonça – para uma análise das transformações econômicas e sociais.
- **Getúlio**, de Lira Neto – biografia completa em três volumes.

Recursos Audiovisuais

- **Getúlio** (filme de 2014) – para visualizar os últimos dias do presidente.
- **O Brasil de Getúlio Vargas** (documentário) – disponível em plataformas educacionais.
- **Era Vargas** (série de documentários da TV Escola) – para uma visão panorâmica do período.

📄 Para aprofundar seus conhecimentos, busque por "historiografia Vargas" em plataformas como Scielo ou Google Scholar – para acessar novas perspectivas acadêmicas sobre o período.

Nota Importante

As informações regulatórias/legais/técnicas desta aula estão atualizadas até 2025. Consulte sempre fontes oficiais para verificar alterações.



Aprofundamento

Esta aula oferece uma visão introdutória do período. Para análises mais aprofundadas, recomendamos a consulta às obras citadas nos recursos adicionais.



Fontes Primárias

Sempre que possível, consulte fontes primárias como a carta-testamento de Vargas, discursos oficiais e documentos da época para formar sua própria interpretação.



Perspectiva Crítica

Lembre-se de analisar criticamente as diferentes interpretações historiográficas, considerando o contexto em que foram produzidas e seus possíveis vieses.

"A história é o tribunal onde se julgam os homens e as instituições."

- Rui Barbosa

Esta aula é parte de um curso mais amplo sobre a História Política do Brasil Republicano. Os conceitos e eventos aqui discutidos serão retomados e aprofundados nas próximas aulas, construindo uma compreensão integrada e crítica de nossa trajetória histórica.

Prepare-se para nossa próxima jornada, onde exploraremos o governo JK e seu ambicioso projeto de modernização do Brasil. Até lá, reflita sobre as conexões entre o legado de Vargas e os desafios enfrentados por Juscelino Kubitschek em sua busca por "50 anos em 5".